

— Vá lá, — murmurou o outro em tom de negócio — meu interesse é bem servir a ilustre clientela.

O comprador era Valerio Brutus, capataz dos serviços comuns da casa de Flamínio Severus, que o incumbira de adquirir um escravo novo e de boa aparência, destinado ao serviço das bigas dos filhos, nos grandes dias das festas romanas.

Foi assim que, imbuido de sentimentos ignóbeis e deploráveis, Saúl, o filho de André, foi introduzido, pelas fôrças do destino, junto de Plínio e de Agripa, na residência da família Severus, no coração de Roma, ao preço miserável de quatro mil sestércios.

III

EM CASA DE PILATOS

A secura da natureza, onde se ergue Jerusalém, proporciona á cidade célebre uma beleza melancólica, tocada de angustiosa monotonia.

Ao tempo do Cristo, o seu aspécto era quasi o atual, como hoje se observa. Apénas a colina de Mizpa com as suas tradições suaves e lindas, representava um recanto verde e alegre, onde descansavam os olhos do forasteiro, longe da aridez e da ingratidão das paisagens.

Todavia, devemos registrar que, na época da permanência de Públio Lentulus e de sua família, Jerusalém acusava novidades e esplendores de uma vida nova. As construções herodianas pululavam nos seus arredores, revelando um novo senso estético, por parte de Israél. A predileção pelos monolitos talhados na rocha viva, característica do antigo povo israelita, fôra substituída pelas adaptações do gôsto judeu ás normas gregas, renovando as paisagens interiores da cidade famosa. A jóia maravilhosa era, porém, o templo, tôdo novo, da época de Jesus. Sua reconstrução fôra determinada por Herodes, no ano de 21, notando-se que os pórticos leva-

ram oito anos a edificar-se e considerando-se, ainda, que os detalhes da obra grandiosa, continuados vagarosamente no curso do tempo, somente ficaram concluídos pouco antes da época de sua completa destruição.

Nos páteos imensos, reunia-se, diariamente, a aristocracia do pensamento israelita, localizando-se ali o fórum, a universidade, o tribunal e o templo supremos de toda uma raça.

Os próprios processos civis, além das discussões engenhosas de ordem teológica, ali recebiam as decisões derradeiras, resumindo-se no templo imponente e grandioso todas as ambições e atividades de uma pátria.

Os romanos, respeitando a filosofia religiosa dos povos estranhos, não participavam das téses sutis e dos sofismas debatidos e examinados todos os dias, mas a Torre Antônia, onde se aquartelavam as forças armadas do Império, dominava todo o recinto, facilitando a fiscalização constante de todos os movimentos dos sacerdotes e das massas populares.

Públio Lentulus, após o incidente do prisioneiro, que continuava a considerar como episódio sem importância, retomava uma certa serenidade para o desempenho de suas obrigações consuetudinárias. Os aspectos áridos de Jerusalém tinham, para seus olhos cansados, um encanto novo, no qual o pensamento repousava das numerosas e intensas fadigas de Roma.

Quanto à Lívia, guardava o coração voltado para os seus afetos distantes, anilhando a aridez dos espíritos ao alcance do seu convívio. Como por um milagre, a pequena Flávia havia melhorado, observando-se notável transformação das feridas que lhe cobriam a epiderme. Mas, as atitudes hostis de Fúlvia, que lhe não perdoava a simplicidade encantadora e os dotes preciosos de inteligência, sem perder ensejo para jogar-lhe em rosto pequeninas indiréitas, por vezes irônicas e mordentes, deixavam-lhe o espírito aturdido num turbilhão de expectativas alucinantes. Semelhantes acontecimentos eram desconhecidos do marido, a quem a pobre senhora se abstinha de relatar os seus mais íntimos desgostos.

Esses fatos, porém, não eram os elementos que mais

contribuiam para acabrunhá-la naquele ambiente de penosas incertezas.

Fazia uma semana que se encontravam na cidade e notava-se que, contrariando talvez seus hábitos, Pôncio Pilatos comparecia diariamente á residência do pretor, a pretexto de sua predileção pela palestra com os patrícios recentemente chegados da corte. Horas a fio eram empregadas nesse mistér, mas Lívia, com as secretas intuições da sua alma, comprehendia os pensamentos inconfessáveis do governador a seu respeito, recebendo de espírito prevenido os seus madrigais amáveis e alusões menos dirétas.

Nessas aproximações de sentimentos que prenunciavam a preamar das paixões, via-se também a contrariedade de Fúlia, tocada de venenoso ciúme em face da situação que a atitude de Pilatos ia criando. Por detrás daqueles bastidores brilhantes do cenário da amizade artificial, com que foram recebidos, Públcio e Lívia deveriam compreender que existia um pântano de paixões inferiores, que, certo, procuraria tisnar a tranquilidade de suas almas. Não entenderam, todavia, os detalhes da situação e penetraram de espírito confiante e ingênuo no caminho escuro e doloroso das provações que Jerusalém lhes reservava.

Reafirmando incessantes obséquios e multiplicando gentilezas, Pilatos fez questão de oferecer um jantar, no qual toda família se reconfortasse e a fraternidade e a alegria fôssem perfeitas.

No dia aprazado, Sálvio e Públcio, acompanhados pelos seus, compareciam á residência senhorial do governador, onde Cláudia igualmente os esperava com um sorriso bondoso e acolhedor.

Lívia estava pálida, no seu traje simples e despretensioso, sendo de notar que, contra tôda a expectativa do espôso, fizera questão de levar a filhinha doente, no pressuposto de que o seu cuidado materno representasse alguma cousa contra as pretensões do conquistador que o seu coração de mulher adivinhava através das atitudes indiscretas e atrevidas do anfitrião daquela noite.

O jantar servia-se em condições especialíssimas, se-

gundo os hábitos mais rigorosos e elegantes da corte.

Lívia estava aturdida, com aquelas solenidades a dobrarem-se nos mais altos requintes da etiqueta romana, costumes ésses oriundos de um meio do qual ela e Calpurnia sempre se haviam afastado, na sua simplicidade de coração.

Uma falange numerosa de escravos se movimentava em todas as direções, como verdadeiro exército de servidores, em face de tão reduzido número de comensais.

Depois dos pratos preparados, chegam os vocatores recitando os nomes dos convivas, enquanto os infertores trazem os pratos, dispostos com singular simetria. Os convidados recostam-se então no triclinio, forrado de penugens setinosas e pétalas de flores. As carnes são trazidas em pratos de ouro e os pães em açafates de prata, multiplicando-se os servos para todos os mistérios, inclusive aqueles que deviam provar as iguarias, afim-de se certificar do seu paladar, para que fôssem servidas com o máximo de confiança. Os copeiros servem um falerno precioso e antigo, misturado de aromas, em taças incrustadas de pedras preciosas, enquanto outros servos os acompanham apresentando, em galhetas de prata, a água tépida ou fria, ao sabor dos convidados. Junto dos leitos, onde cada comensal deve recostar-se molemente, conservam-se escravos jovens, trajados com apuro e ostentando na fronte um turbante gracioso, braços e pernas semi-nus, cada qual com a sua função definida. Alguns agitam nas mãos longos ramos de mirto, afugentando as moscas, enquanto outros, curvados aos pés dos convivas, são obrigados a limpar discretamente os sináis da sua gula e intemperança.

Quinze serviços diferentes sucederam-se através dos esforços dos escravos dedicados e humildes, quando, após o repasto, brilham os salões com centenas de tochas, ouvindo-se agradáveis sinfonias. Servos jovens e bem postos executam dansas apaixonadas e voluptuosas em homenagem aos seus senhores, mimoseando-lhes os sentimentos inferiores com a sua arte exótica e espontânea e, somente não foi levado a efeito um número de gladiadores, segundo o costume nos grandes banquetes da

côrte, porque Lívia, de olhos súplices, pedira que poupassem naquela festa o doloroso espetáculo do sangue humano.

Aquela noite era das mais cálidas de Jerusalém, motivo por que, findos o jantar e cerimônias complementares, a caravana de amigos, acompanhada agora de Sulpício Tarquinius, se dirigia para o terraço amplo e bem posto, onde jovens escravas faziam deliciosa música do Oriente.

— Não julgava encontrar em Jerusalém uma noite patrícia como esta — exclamou Públcio, sensibilizado, dirigindo-se ao governador com respeitosa cortezia. Devo á vossa bondade fidalga e generosa a satisfação de reviver o ambiente e a vida inesquecíveis da côrte, onde os romanos distantes guardam o coração e o pensamento.

— Senador, esta casa vos pertence — replicou Pilatos com intimidade. Ignoro se a minha sugestão ser-vos-á agradável, mas só teríamos razão para agradecer aos deuses, se nos concedesseis a honrosa alegria de vos hospedar aqui, com os vossos dignos familiares. Acredito que a residência do pretor Sálvio não vos oferece o necessário conforto e, acrescendo a circunstância do íntimo parentesco que liga minha mulher á espôsa de vosso tio, sinto-me á vontade para fazer êste oferecimento, sem quebra de nossos costumes, em sociedade.

— Lá isso não, exclamou por sua vez o pretor, que acompanhára atento a gentileza da oferta. Eu e Fúlvia nos opomos á realização dessa medida — e, acenando confiante para a consorte, terminava a sua ponderação — não é verdade, minha querida?

Fúlvia, porém, deixando transparecer uma ponta de contrariedade, redarguiu, com surpresa de todos os presentes:

— De pleno acôrdo. Públcio e Lívia são nossos hóspedes efetivos; contudo, não podemos esquecer que o objetivo de sua viagem se prende á saúde da filhinha, objeto de todas as nossas preocupações no momento, sendo justo que os não privemos de qualquer recurso que se venha a verificar, a favor da pequena enferma...

E, dirigindo-se instintivamente para o banco de

mármore onde descansava a doentinha, exclamou com escândalo geral:

— Aliás, esta menina representa uma séria preocupação para todos nós. Sua epiderme dilacerada acusa sintomas invulgares, recordando . . .

Mas, não conseguiu terminar a exposição de seus receios escrupulosos, porque Cláudia, alma nobre e digna, constituindo uma antítese da irmã que o destino lhe havia dado, compreendendo a situação penosa que os seus conceitos iam criando, adiantou-se-lhe redarguindo:

— Não vejo razões que justifiquem êsses temores; suponho a pequena Flávia muito melhor e mais forte. Quero crer, até, que bastará o clima de Jerusalém para a sua cura completa.

E avançando para a doentinha, como quem desejasse desfazer a dolorosa impressão daquelas observações indelicadas, tomou-a nos braços osculando-lhe o rosto infantil, coberto de tons violáceos de mal disfarçadas feridas.

Lívia, que trazia o semblante afogueado pela humilhação das palavras de Fúlvia, recebeu a gentileza como um bálsamo precioso para as suas inquietações maternas; quanto a Públia, amargamente surpreendido, considerou a necessidade de rehaver a sua serenidade e energia máscula, dissimulando o desgôsto que o episódio lhe causara, retomando a direção da palestra, sobremaneira comovido:

— E' verdade, amigos. A saúde da minha pobre Flávia representa o objéto primordial da nossa longa viagem até aqui. Resolvidos os problemas do Estado, que me trouxeram a Jerusalém, já há alguns dias que examino a possibilidade de me localizar em qualquer região do interior, de modo que a filhinha possa recuperar o precioso equilíbrio orgânico, aspirando um ar mais puro.

— Pois bem, — replicou Pilatos com segurança — em assuntos de clima, sou aqui um homem entendido. Ha seis anos que me encontro nestas paragens em função do meu cargo e tenho visitado quasi todos os recantos da província e das regiões vizinhas, tendo motivos

para afiançar que a Galiléia está em primeiro plano. Sempre que posso repousar dos labores intensos que aqui me prendem, busco imediatamente a nossa vila dos arredores de Nazaré, para gozar a serenidade da paisagem e as brisas deliciosas do seu lago imenso. Concordo em que a distância é muito longa, mas a verdade é que, se permanecesse nas cercanias da cidade, nas minhas estações de repouso, perderia o tempo, atendendo ás socilitações incessantes dos rabinos do templo, sempre a braços com inumeráveis pendências. Ainda agora, Sulpício terá de partir, a-fim-de superintender alguns trabalhos de reparação da nossa residência, pois tencionamos seguir para ali dentro de pouco tempo, a refazer as energias esgotadas na luta cotidiana.

Já que a minha hospedagem não vos será necessária em Jerusalém, quem sabe teremos o prazer de hospedar-vos, mais tarde, na vila a que me refiro?

— Nobre amigo, — exclamou o senador agradecido — devo poupar-vos tanto trabalho, mas, ficar-vos-ei imensamente grato se o vosso amigo Sulpício providenciar em Nazaré para aquisição de uma casa confortável e simples, que me sirva, reformando-a de conformidade com os nossos hábitos familiares, e onde possamos residir despreocupadamente por alguns meses.

— Com o máximo prazer.

— Muito bem — atalhou Cláudia com bondade, enquanto Fúlvia mal dissimulava venenoso despeito — ficarei incumbida de adaptar a nossa boa Lívia á vida campestre, onde a gente se sente tão bem em contacto direto com a natureza.

— Desde que se não transformem em judias... — disse o senador bem humorado, enquanto todos sorriam alegremente.

Neste comenos, ouvindo os detalhes dos serviços que lhe seriam confiados em dias próximos, Sulpício Tarquinius, homem da confiança do governador, sentiu-se com liberdade de intervir no assunto, exclamando, com surpresa para quantos o ouviam:

— E por falar de Nazaré, já ouviste falar do seu profeta?

— ?

— Sim — continuou — Nazaré possúe agora um profeta que vem realizando grandes cousas.

— Que é isso, Sulpício? — perguntou Pilatos ironicamente — pois não sabes que dos judeus nascem profetas todos os dias? Acaso as lutas no templo de Jerusalém se verificam por outra cousa? Todos os doutores da Lei se consideram inspirados pelo Céu e cada qual é dono de uma nova revelação.

— Mas, êsse, senhor, é bem diferente.

— Estarás, acaso, convertido a uma nova fé?

— De modo algum, mesmo porque comprehendo o fanatismo e a obsecção dessas miseráveis criaturas; mas fiquei realmente intrigado com a figura impressionante de um galileu ainda moço, quando passava, ha alguns dias, por Cafarnaum.

Ao centro de uma praça, acomodada em bancos improvisados, feitos de pedra e de areia, vi considerável multidão que lhe ouvia a palavra, em êxtases de admiração comovida...

Eu também, como se fôra tocado de fôrça misterioso e invisível, sentei-me para ouví-lo.

De sua personalidade, extraordinária de beleza simples, vinha um "não sei quê", dominando a turba que se aquietava, de leve, ouvindo-lhe as promessas de um eterno reinado... Seus cabelos esvoaçavam ás brisas da tarde mansa, como se fôssem fios de luz desconhecida nas cláridades serenas do crepúsculo; e de seus olhos compassivos parecia nascer uma onda de piedade e comiseração infinitas. Descalço e pobre, notava-se-lhe a limpeza da túnica, cuja brancura casava-se á leveza dos seus traços delicados. Sua palavra era como um cântico de esperança para todos os sofredores do mundo, suspenso entre o céu e a terra, renovando os pensamentos de quantos o escutavam... Falava de nossas grandezas e conquistas como se fôssem cousas bem miseráveis, fazia amargas afirmativas acérca das obras monumentais de Herodes, em Sebasto, asseverando que acima de

Cesar está um Deus Todo Poderoso, providência de todos os desesperados e de todos os aflitos... No seu ensinamento de humildade e amor, considera tôdos os homens como irmãos bem amados, filhos dêsse Pai de misericórdia e justiça, que nós não conhecemos...

A voz de Sulpício estava saturada dêsse tónus emocional, característico dos sentimentos filhos da verdade.

O auditório se contagiara da comoção de sua narrativa, escutando-lhe a palavra com o maior interesse.

Pilatos, todavia, sem perder o fio de suas vaidades de governador, interrompeu-o exclamando:

— Tôdos irmãos! Isso é um absurdo. A doutrina de um Deus único não é novidade para nós outros, nesta terra de ignorantes; mas, não podemos concordar com êsse conceito de fraternidade irrestrita. E os escravos? e os vassalos do Império? Onde ficam as prerrogativas do patriciado?

O que mais me admira, porém — exclamou com ênfase, dirigindo-se particularmente ao narrador — é que sendo tu um homem práctico e decidido, te tenhas deixado levar pelas palavras loucas dêsse novo profeta, misturando-se com a turba para ouví-lo. Não sabes que a anuência de um lictor pode significar enorme prestígio para as idéias dêsse homem?

— Senhor — respondeu Sulpício desapontado — eu próprio não saberia explicar a razão de minhas observações daquela tarde. Considerei, igualmente, de pronto, que as doutrinas por êle pregadas são subversivas e perigosas, por igualarem os servos aos senhores, mas observei também as suas penosas condições de pobreza, considerando por seus discípulos e seguidores como um estado alegre e feliz, o que, de algum modo, não constitue motivo de receio para as autoridades provinciais.

Além disso, essas pregações não prejudicam os camponeses, porque são feitas geralmente nas horas de ócio e descanso, no intervalo dos trabalhos de cada dia, notando-se igualmente que os seus companheiros prediletos são os pescadores mais ignorantes e mais humildes do lago.

— Mas, como te deixaste empolgar assim por êsse homem? — retornou Pilatos com energia.

— Enganai-vos, quanto a isso — respondeu o lictor, mais senhor de si — não me sinto impressionado, como supondes, tanto assim que, notando-lhe a originalidade simples e formosa, não lhe reconheço privilégios sobrenaturais e acredito que a ciência do Império elucidará o fato que vou narrar, respondendo á vossa arguição do momento.

Não sei se conhecéis Coponio, antigo centurião destacado na cidade a que me referí, mas cumpre-me colocar-vos a par do fato por mim observado. Depois que a voz do profeta de Nazaré havia deixado uma doce quietude na paisagem, o meu conhecido apresentou-lhe o filhinho moribundo, implorando a sua caridade para a criança que agonizava. Vi-o a elevar os olhos radiosos para o firmamento, como se obsecrasse a benção dos nossos deuses e, depois, notei que suas mãos tocavam o menino, que, por sua vez, parecia haver experimentado um choque de vida nova, levantando-se de súbito, a chorar e buscando o carinho paterno, após descansar no profeta os olhinhos enterneados...

— Mas, até centuriões já se metem com os judeus nas suas perlengas? Preciso comunicar-me com as autoridades de Tiberiade, sobre êsses fatos — exclamou o governador visivelmente contrariado.

— O caso é curioso — disse Públia Lentulus, intrigado com a narrativa.

— A verdade, contudo, meu amigo — objetou Pilatos dirigindo-se a êle — é que nestas paragens nascem religiões todos os dias. Este povo é muito diverso do nosso, reconhecendo-se-lhe visível deficiência de raciocínio e de senso prático. Um governador, aqui, não pode deixar-se empolgar pelas figuras e sim manter rígidos os princípios, no sentido de salvaguardar a soberania inviolável do Estado. E' por êsse motivo que, atendendo ás sábias determinações da séde do governo, não me detenho nos casos isolados, para tão sómente ponderar as razões dos sacerdotes do Sinhédrio, que representam o órgão do poder legítimo, apto a harmonizar

conosco a solução de todos os problemas de ordem política e social.

Públia dava-se por satisfeita com o argumento, mas as senhoras presentes, com exceção de Fúlvia, pareciam fundamentalmente impressionadas com a descrição de Sulpício, inclusive a pequenina Flávia, que lhe bebera as palavras com o máximo de curiosidade infantil.

Um véu de preocupações obscurecera a vérve de todos os presentes, mas o governador não se resignou com a atitude geral, exclamando:

— Ora esta! Um lictor que, em vez de fazer a justiça a nosso bem, age contra nós próprios, obscurecendo o nosso ambiente alegre, merece severa punição por suas narrativas inoportunas!...

Um riso geral seguiu-lhe a palavra ruidosa e leve, enquanto rematava:

— Desçamos ao jardim para ouvir nova música, desanuviando o coração dêsses aborrecimentos imprevistos.

A idéia foi aceita com geral agrado.

A pequena Flávia foi instalada pela dona da casa num apartamento confortável e, em poucos minutos, os presentes se dividiam em três grupos distintos, através das alamedas do jardim, enfeitado de tochas brilhantes, ao som de músicas caprichosas e lascivas.

Públia e Cláudia falavam da paisagem e da natureza; Pilatos multiplicava gentilezas junto de Lívia, enquanto Sulpício se colocava ao lado de Fúlvia, tendo o pretor Lentulus resolvido permanecer no arquivo, examinando algumas obras de arte.

Distanciando-se propositalmente do grupo, o governador notava a palidez da sua companheira que, naquela noite, se lhe figurava mais sedutora e mais bela.

O respeito que a sua formosura discreta lhe infundia na alma parecia aumentar, naquela hora, o ardor do coração apaixonado.

— Nobre Lívia — exclamou com emoção — não posso guardar por mais tempo os sentimentos que as vossas virtudes cheias de beleza me inspiraram. Sei da natural repulsa de vossa alma digna, em face de mi-

nhas palavras, mas lamento que não me compreendais o coração tocado dessa admiração que me avassala!...

— Também eu — revidou a pobre senhora com dignidade e energia espontâneas — lastimo haver inspirado ao vosso espírito semelhante paixão. Vossas palavras me surpreendem amargamente, não só porque partem de um patrício revestido das elevadas responsabilidades de procurador do Estado, como por considerar a amizade confiante e nobre que vos consagra o meu espôso.

— Mas, em assuntos do coração — atalhou êle solícito — não podem prevalecer as formalidades da convenção política, mesmo as mais elevadas. Tenho dos meus deveres a mais alta compreensão e sei encarar a solução de todos os problemas do meu cargo, mas não me recordo onde vos teria visto antes!... a realidade é que, ha uma semana, tenho o coração dilacerado e oprimido... Encontrando-vos, parecia deparar-se-me uma imagem adorada e inesquecida. Tudo fiz por evitar esta cêna desagradável e penosa, mas, confesso que uma fôrça invencível me confunde o coração!...

— Enganai-vos, senhor! Entre nós não pode existir outro laço, além do inspirado pelo respeito á identidade de nossas condições sociais. Se tendes em tão alta conta as vossas obrigações de ordem política, não deveis olvidar que o homem público deve cultivar as virtudes da vida privada, incentivando, em si mesmo, a veneração e a incorrutibilidade da própria consciênciâ.

— Mas, a vossa personalidade me faz esquecer todos êsses imperativos. Onde vos teria visto, afinal, para que me sentisse empolgado desta maneira?

— Calai-vos, pelos deuses! — murmurou Lívia, assustada e empalidecida. Nunca vos vi, antes de nossa chegada a Jerusalém, e apélo para o vosso cavalheirismo de homem, afim-de me poupardes estas referências que me amarguram!... Tenho razões para crer na vossa ventura conjugal, junto de uma mulher digna e pura, tal como a vejo, reputando uma loucura as propostas que as vossas palavras me deixam entrever...

Pilatos ia prosseguir na sua argumentação, quando

a pobre senhora, amargamente surpreendida, sentiu-se desfalecer. Debalde mobilizou ela as suas energias vitais, com o fim de evitar o delíquio.

Preso de singular abatimento, encostou-se a uma árvore do jardim, onde se desenrolava a palestra que acabámos de ouvir. Receando as consequências, o governador tomou-lhe a mão delicada e mimosa, torturado pelos seus inconfessáveis pensamentos, mas, ao seu contacto ligeiro, a natureza orgânica de Lívia parecia reagir com decisão e inquebrantável firmeza.

Recobrando as fôrças, fez com a cabeça um leve sinal de agredecimento, enquanto Públia e Cláudia se acercavam de ambos, renovando-se a palestra geral, com a satisfação de todos.

Todavia, a cêna provocada pela indiscreção do governador não ficou circunscrita apenas aos dois atores que a viveram intensamente.

Fúlvia e Sulpício acompanharam-na em seus mínimos detalhes, através dos claros abertos na ramagem sombria.

— Ora esta! — exclamou o lictor para a companheira, observando as minudências da palestra que acabamos de descrever. — Então, já perdeste as boas graças do procurador da Judéia?

A essa pergunta, Fúlvia, que por sua vez não tirava os olhos da cena, estremeceu convulsivamente, dando guarida aos mais largos sentimentos de ciúme e despeito.

— Não respondes? — continuava Sulpício, gozando o espetáculo. Por que me recusas tantas vezes, se tenho para oferecer-te um sentimento profundo de dedicação e lealdade?

A interpelada continuou em silêncio, no seu posto de observação, rugindo de cólera íntima, quando viu que o governador guardava, entre as suas, a mão exá-mine da companheira, pronunciando palavras que seus ouvidos não escutavam, mas os seus sentimentos inferiores presumiam adivinhar naquele colóquio inesperado.

Tão logo, porém, Cláudio e Públia figuraram no

cenário, Fúlvia voltou-se para o companheiro, murmurando com voz cava:

— Acederei a todos os teus desejos, se me auxiliares num cometimento.

— Qual?

— O de levarmos ao senador, em tempo oportuno, o conhecimento da infidelidade de sua mulher.

— Mas, como?

— Primeiramente, evitarás a instalação de Públia em Nazaré, para levá-la mais distante, de modo a dificultar as relações entre Lívia e o governador, por ocasião de sua ausência de Jerusalém, porque estou adivinhando que ela desejará transferir-se para Nazaré em breves dias. Em seguida, procurarei interferir, pessoalmente, de maneira que sejas designado para proteger o senador na sua estação de repouso e, investido nesse cargo, encaminharás os acontecimento para consecução de nossos planos. Isso feito, saberei recompensar teus esforços e bons serviços de sempre, com a minha dedicação absoluta.

O lictor ouviu a proposta, silenciando, indeciso. Mas a interlocutora, como se estivesse ansiosa por selar a aliança sinistra, obtemperou em voz firme:

— Tudo combinado?

— De pleno acôrdo!... — respondeu Sulpício já resoluto.

E as duas personificações do despeito e da lascívia reuniram-se á caravana fraterna, com a máscara das alegrias aparentes, depois de concluído o pacto tenebroso.

As últimas horas foram consagradas ás despedidas, dentro da afabilidade exterior do convencionalismo social.

Lívia absteve-se de relatar ao espôso a cêna penosa da véspera, considerando, não sómente a sua necessidade de repouso íntimo, como também a importância social das personalidades em jôgo, prometendo a si mesma evitar, a todo transe, qualquer expressão menos digna, no terreno do escândalo pelas palavras.